

COEDUCAÇÃO ENTRE AS GERAÇÕES: a intergeracionalidade como estratégia e desafio para a construção de uma educação antiidadista

COEDUCACIÓN ENTRE GENERACIONES: la intergeneracionalidad como estrategia y desafío para la construcción de una educación antiedad

COEDUCATION BETWEEN GENERATIONS: intergenerationality as a strategy and challenge for creating an anti-ageism education

Ingrid Rochelle Rêgo Nogueira¹
<https://orcid.org/0000-0002-3800-6059>

Francisco Vanderlei Ferreira da Costa²
<https://orcid.org/0000-0002-5236-571X>

Resumo

A educação em seus diversos espaços ocupados, sejam formais ou não, elegem grupos como prioritários. Há, neste processo, a exclusão de diversos coletivos, entre estes estão as pessoas velhas. Elas, normalmente, são alocadas no grande grupo de Educação de Jovens e Adultos, lugar com pouco espaço na educação formal e que, desse pouco espaço, os velhos e velhas acessam a menor parte. Por estarem na periferia dos processos educativos nacionais, estão sujeitos a preconceitos, além de, normalmente, não serem ouvidos(as). Assim, a partir das vozes de pessoas velhas, esse artigo dialoga sobre a construção de uma educação que envolva as diferentes gerações da sociedade, com espaço igualitário para todos(as) os(as) participantes. Essa construção posicionou os sujeitos velhos(as) como protagonistas. Foram coletadas narrativas de velhas e velhos opinando sobre a educação na relação com outras gerações. Nestes dados estão presentes sugestões ricas para a reflexão sobre educação e intergeracionalidade, apresentando caminhos para enfrentamentos do idadismo na educação.

Palavras-chave: Intergeracionalidade. Velhos(as). Educação. Idadismo.

¹ Mestra em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA). Mestranda em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos (UFBA). Graduada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Gerontologia pela Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG) e em Saúde da Pessoa Idosa. E-mail: ingridrochelle@yahoo.com.br

² Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal da Bahia (IFBA) – Campus de Porto Seguro. E-mail: francisco@ifba.edu.br

Como referenciar este artigo:

NOGUEIRA, Ingrid Rochelle Rêgo. COSTA, Francisco Vanderlei Ferreira da. Educação entre gerações: a intergeracionalidade como estratégia e desafio para a construção de uma educação antiidadista. *Revista Pedagógica*, Chapecó, v. 25, p. 1-22, 2023.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22196/rp.v25i1.7716>

Resumen

La educación en sus diversos espacios ocupados, sean formales o no, eligen grupos como prioritarios. Hay, en ese proceso, la exclusión de diversos colectivos, entre estos están las personas viejas. Ellas, normalmente, son ubicadas en el gran grupo de Educación de Jóvenes y Adultos, lugar con poco espacio en la educación formal y que, de ese poco espacio, los viejos y viejas acceden la menor parte. Por estar en la periferia de los procesos educativos nacionales, están sujetos a prejuicios, además de, normalmente, no ser oídos. Así, a partir de las voces de las personas viejas, este artículo dialoga sobre la construcción de una educación que involucre a las diferentes generaciones de la sociedad, con espacio igualitario para todos(as) los(as) participantes. Esa construcción posicionó a los sujetos viejos(as) como protagonistas. Fueron recogidas narrativas de viejos y viejas opinando sobre la educación en relación con otras generaciones. En estos datos están presentes sugerencias ricas para la reflexión sobre educación e intergeneracionalidad, presentando caminos para enfrentamientos del edadismo en la educación.

Palabras clave: Intergeneracionalidad. Viejos(as). Educación. Edadismo.

Abstract

Education in its various occupied spaces, whether formal or not, elects groups as a priority. In this process, there is the exclusion of several groups, among which are the elderly. They are usually allocated in the large group of Youth and Adult Education, a place with little space in formal education and which, from that little space, the elderly men and women access the smallest part. Because they are on the periphery of national educational processes, they are subject to prejudice. In addition to this, they are usually not heard. Thus, from the voices of elderly people, this article discusses the construction of an education that involves the different generations of society, with equal space for all participants. This construction positioned the elderly subjects as protagonists. Narratives of elderly men and women giving their opinion on education in relation to other generations were collected. These data contain rich suggestions for reflection on education and intergenerationality, presenting ways to confront ageism in education.

Keywords: Intergenerationality. Elders. Education. Ageism.

INTRODUÇÃO

Este artigo é parte de dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA), cujo tema versa sobre as expectativas de pessoas velhas em relação à formação para o trabalho e para a vida, com destaque para a Educação Profissional e Tecnológica.

Salientamos que em nenhum momento os elementos discutidos neste texto representarão uma apologia e/ou romantização do trabalho na velhice, posto que a aposentadoria é um direito conquistado pela luta dos(as) trabalhadores(as), aposentados(as), profissionais e movimentos sociais, que constantemente está sob a

ameaça dos ditames neoliberais e da retirada de direitos sociais fundamentais.

Se essa é uma realidade aqui reconhecida, também se compreende que nesse contexto neoliberal, a aposentadoria não é uma realidade vivenciada por todas as pessoas envelhecidas, contribuindo para esse fato uma análise interseccional de gênero, raça e classe. Portanto, conforme salientado por Rabelo (2023), a velhice é heterogênea, contribuindo para isso as referidas dimensões que também impactam e são impactadas por esse contexto social, no qual grande parte dos(as) trabalhadores(as) não têm acesso ao mercado de trabalho formal, possuem vínculo de trabalho precarizado ou dependem do trabalho informal.

Desta forma, a educação aqui debatida pensa uma formação para a vida, para as relações sociais, atendendo, portanto, os anseios dos mais diversos grupos e especificamente, neste caso, dialogando com velhos e velhas. Uma educação com os(as) velhos(as) e não para eles(as). Assim, as falas dessas pessoas participantes da pesquisa vão permear e dialogar com as citações teóricas e com nossas análises para construir um espaço profícuo para construção de saberes para a educação, a partir de saberes já consolidados nas práticas sociais das pessoas velhas. Desta forma, a intergeracionalidade na educação será apresentada a partir da fala desses sujeitos.

1 PERCURSO METODOLÓGICO

Na realização da pesquisa que resultou neste artigo, utilizamos a abordagem qualitativa, que tem como foco os significados, valores, atitudes, representações, relações e mediações dos(as) participantes (MINAYO, 2010). Assim, os relatos são subjetivos (PIRES, 2010). Portanto, o verbo principal da abordagem qualitativa é compreender, que consiste em se colocar no lugar do outro, o que pode ser alcançado a partir da consideração da singularidade dos(as) participantes, pois sua subjetividade é construída de forma articulada ao seu contexto social, histórico e cultural. Logo, a compreensão de determinada realidade é, ao mesmo tempo, individual e coletiva, parcial e inacabada (MINAYO; COSTA, 2019).

Aderir a essa abordagem contribui para o reconhecimento das múltiplas velhices, para a valorização de suas falas e para o reconhecimento de suas contribuições para a

sociedade, isso a partir de um percurso metodológico organizado (FLICK, 2004). Dessa forma, pesquisas qualitativas em âmbito gerontológico se configuram como uma opção política, especialmente quando consideramos o crescente idadismo, que apregoa a desvalorização e apagamento dos(as) velhos(as) e os ideais neoliberais, que proliferam diversas opressões, dentre elas as geracionais.

A pesquisa aqui apresentada, após a realização de levantamento bibliográfico e documental necessários à sua construção, utilizou como técnicas de coletas de dados o grupo focal e as entrevistas semiestruturadas realizados com as 8 (oito) pessoas velhas participantes do *Projeto Idosos do Século XXI: conectivid@des* desenvolvido pelo Serviço Social do Comércio (Sesc) em Fortaleza – Ceará.

O termo focal sinaliza que esse tipo de grupo é voltado para o aprofundamento do tema pesquisado, sendo marcado pela interação entre os(as) participantes da pesquisa. Dessa forma, a fala e percepção de uma pessoa pode contribuir para a reflexão das outras, gerando polêmicas, consensos e aprofundamentos sobre as questões discutidas (MINAYO; COSTA, 2019). Da mesma forma, o grupo focal identifica tendências (COSTA, 2005), fator preponderante para este estudo. Já as entrevistas semiestruturadas se caracterizam por haver maior flexibilidade às respostas, uma vez que é baseada em um roteiro com poucas perguntas diretas, solicitando à pessoa entrevistada que discorra livremente sobre elas (GIL, 2017), tratando o tema com amplitude e flexibilidade (DUARTE, 2005).

Associar as duas técnicas de coletas de dados foi fundamental para a melhor compreensão sobre o tema e sobre a heterogeneidade do grupo, que é um reflexo da diversidade do envelhecer. Por outro lado, possibilitou que as pessoas velhas pudessem, a partir da participação tanto no grupo como na entrevista, trocar ideias e experiências entre si, construir ideias em conjunto. Além de, individualmente, terem um espaço de fala e de valorização de suas experiências e opiniões para a construção de conhecimentos, o que por muitas vezes é negado a quem envelheceu.

A análise dos dados foi realizada através do método hermenêutico-dialético, que se constitui como uma prática dialética interpretativa ao reconhecer a realidade social como resultado da ação criadora imediata ou institucionalizada. Sendo a prática social, a ação humana, que posiciona, no centro da análise, a fala dos participantes no contexto social onde vivem. Portanto, a análise parte da compreensão do contexto histórico, sociopolítico

e cultural do grupo participante e articula os dados coletados no contato com os participantes, analisando-os a partir dos objetivos da pesquisa (MINAYO, 1996).

Acerca das condições éticas, os(as) participantes foram informados(as) sobre os objetivos do estudo e orientados de que suas participações seriam de livre e espontânea vontade após aceite das condições expressas no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, as identificações dos(as) interlocutores foram mantidas em sigilo, por meio da adoção de codinomes e omissão de dados que pudessem identificá-los(as). A realização da pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (CEP/IFBA), sob parecer de número 5.759.809.

Considerando esses aspectos, os relatos surgidos dos encontros do grupo focal e das entrevistas, foram gravados, transcritos e analisados, articulando as narrativas das pessoas velhas, ao arcabouço teórico e legal levantados para a elaboração do estudo, construindo, assim, a análise sobre o tema das demandas de pessoas velhas sobre Educação Profissional e Tecnológica, da qual emergiu a categoria da intergeracionalidade como aspecto fundamental da educação para as velhices, conforme discutiremos neste artigo.

2 A INSEPARABILIDADE ENTRE A INTERGERACIONALIDADE E EDUCAÇÃO PARA AS VELHICES: PONTE PARA UMA EDUCAÇÃO EMANCIPATÓRIA

De acordo com Ferrigno (2016), educação e geração são inseparáveis, pois a educação pressupõe a sucessão e a renovação das gerações através da transmissão da experiência. Nesse sentido, a coeducação entre as gerações se dá com o público velho sendo ao mesmo tempo educando e educador e pode ser observada tanto na interação entre aprendentes de idades diversas, como entre estudantes e funcionários(as) e estudantes e professores(as).

Nesse contexto, todos(as) aprendem com todos(as), mas há especificidades geracionais. É mister ponderar que não é possível estabelecer com exatidão o que cada geração ensina e aprende nessa interação, bem como considerar que quem e o que se ensina e aprende varia conforme a sociedade se organiza. Entretanto, se observa que nas relações intergeracionais os(as) velhos(as) ensinam, especialmente, sobre saberes éticos,

práticos e experiências de vida, bem como oportunizam exemplos de envelhecimento e de convivência com a velhice. Já os(as) jovens podem ofertar aos(às) velhos(as) atualização de conhecimentos, a revisão de conceitos sobre juventude e acerca dos mitos que a envolvem (FERRIGNO, 2016).

Do mesmo modo, as pessoas velhas transmitem aos(às) mais jovens aspectos fundantes de sua cultura, visto que na maioria das sociedades a responsabilidade pela manutenção e repasse cultural é destinada à velhice. Nessas interações, podem ocorrer conflitos para que esses valores sejam incorporados pelas gerações mais novas, sendo também possível que em conjunto as gerações revejam, adaptem ou adotem novos valores, robustecendo a cultura existente (SANTOS, 2003).

Nessa continuação, Bosi (1994) salienta a função social do lembrar pertencente às pessoas velhas, apontando que:

Há dimensões da aculturação que, sem os velhos, a educação dos adultos não alcança plenamente: o reviver do que se perdeu, de histórias, tradições, o reviver dos que já partiram e participam então de nossas conversas e esperanças; enfim, o poder que os velhos têm de tornar presentes nas famílias os que se ausentaram (...) Essa vontade de revivescência arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre no modo constitutivo do presente (BOSI, 1994, p. 74).

É o que também sublinham as narrativas abaixo.

O Espedito Seleiro³ ensinou a arte dele às gerações seguintes da família dele. Ele tá bem idoso e se preocupou com isso. Porque ele aprendeu com o pai e agora ele já ensinou pros filhos e netos dele, pra arte da família, a tradição não morrer (Joana, 67 anos).

Penso assim... as pessoas têm que ter um momento pra conhecer a memória do idoso sobre a sua comunidade. Como surgiu esse bairro, essa comunidade? Como você chegou aqui? O que tem aqui? Conhecer o antes e o agora, só o idoso pode dizer isso (Vitória, 65 anos).

A educação, nesse sentido, possibilita dignidade e qualidade de vida às pessoas velhas e caminhos para que a intergeracionalidade se efetive, construindo saberes com a participação das gerações envolvidas (SERRA; SILVA, 2016), inclusive no partilhar e

³ Espedito Seleiro tem 83 anos, é Mestre da Cultura do Ceará e seu artesanato em couro é conhecido mundialmente. Para saber mais: <https://www.ceara.gov.br/2022/03/18/reconhecimento-a-arte-do-mestre-espedito-seleiro/>.

construir memórias. Porém nem sempre essa interação entre pessoas de diversas gerações é realizada de forma agregadora, o que pode se dar por inúmeras razões, dentre elas o idadismo.

Sobre isso, convém apontar que a lógica capitalista, que permeia todos os âmbitos da sociedade, inclusive a educação, preza pela produtividade e impõe a juventude como padrão e meta, não vê na velhice sujeitos aprendentes nem potenciais de desenvolvimento que vão além de sua capacidade produtiva para o sistema. Esse contexto tem na ausência de políticas educacionais destinadas ao público velho um exemplo de sua segregação e apagamento (PAULA, 2009).

Nessa conjuntura, a valorização está centrada nas idades jovem e adulta, essas representando o “capital humano”, dotado de produtividade e lucratividade, na lógica do capital. Outros atributos da vida humana perdem o significado diante dessa lógica coletiva de financeirização e utilitarismo da vida, na qual o valor é atribuído ao vigor físico em uma ótica de que jovens e adultos podem produzir mais e mais rápido, e a qualificação da vida é feita a partir do que se possui ou pode vir a possuir (LIMA; STACH-HAERTEL, 2022).

Por consequência, estabelecer relações intergeracionais integradoras e equitativas se constitui como um desafio em uma sociedade na qual é retirado da velhice o reconhecimento ao seu potencial e a sua importância histórica, desautorizando pessoas idosas sobre sua trajetória de vida e que adota a juventude como valor. Além disso, nessa sociedade o valor do tempo e das pessoas está associado ao valor financeiro por elas alcançado. Essa conjuntura impacta a convivência intergeracional, estimulando preconceitos (LIMA; STACH-HAERTEL, 2022).

De igual forma, a imagem vinculada à velhice é de decrepitude, decadência, construindo uma imagética negativa do envelhecimento e da velhice, que geram e fortalecem preconceitos, bem como a negação do próprio envelhecimento. Portanto, nosso caldo cultural nos leva ao estranhamento de algo próprio à vida, visto que todos(as) estamos em processo de envelhecimento.

Assim, a velhice é invisibilizada, tanto de forma material como de forma simbólica, sendo considerada desinteressante, o que se deve ao desconhecimento, individualismo e a disputa pelo poder, inclusive entre as gerações (BRITTO DA MOTTA, 2018).

Logo, a velhice é subjugada a uma posição de marginalidade e enfrenta diversas barreiras sociais e atitudinais para a efetivação de seus direitos haja vista os imperativos de agilidade, modernização e produtividade, cujos ritmos e exigências não são acompanhadas por aqueles(as) que envelheceram. Dessa forma, convém elucidar que o público velho teve sua trajetória acompanhada por desigualdades de acesso a vários direitos, dentre eles à educação (MEDEIROS; AZEREDO, 2020).

Em relação às barreiras sociais e atitudinais, manifestas também em práticas idadistas, essas também estão presentes na educação, atingindo pessoas com idades, consideradas por essa prática, inadequadas ou estranhas ao espaço escolar. Um exemplo disso foi amplamente divulgado na mídia e se referiu ao idadismo sofrido por uma aluna de 45 anos que cursa Biomedicina na universidade Unisagrado localizada em Bauru – São Paulo⁴. Em vídeo, colegas de turma, debochavam da referida aluna, mencionando frases como: “gente, quiz do dia: como ‘desmatricula’ um colega de sala?”; “mano, ela tem 40 anos já. Era para estar aposentada”; “gente, 40 anos não pode mais fazer faculdade. Eu tenho essa opinião”; “não sabe o que é Google”.

As matérias publicadas sobre o fato ganharam grande repercussão social e impressionam por expor que o idadismo tem atingido pessoas que sequer chegaram cronologicamente à idade definida como ingresso na velhice, o que demonstra que a juventude tem se firmado como um valor em nossa sociedade e aponta para as barreiras impostas a quem envelhece para acessar direitos.

Ademais, promovem reflexões sobre as diversas opressões que se interseccionam com o idadismo, a exemplo das de gênero, classe e raça, quando lembramos que muitas mulheres negras e pobres só conseguem acessar a educação na idade adulta ou na velhice. Às mulheres foi atribuída a função do cuidar, o que faz com que muitas delas acabem por não terem condições de vivenciar a escolarização e o acesso ao mercado de trabalho, o que desemboca em um grande número de mulheres velhas analfabetas, sem acesso à renda e à aposentadoria.

⁴ Matéria disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2023/03/11/video-de-universitarias-de-sp-debochando-de-colega-por-ter-40-anos-viraliza-e-gera-indignacao.ghtml>

Sobre isso, Menezes (2017) contribui explicitando que a desigualdade de gênero permeou a história da educação em nosso país, possibilitando o acesso de homens ao ensino formal e a negação desse direito às mulheres. Além disso, o casamento e a maternidade compulsórios e em tenras idades impostos às mulheres hoje velhas, fizeram com que a educação não fosse uma realidade para elas.

Desde a infância, as mulheres são levadas a serem mães/ cuidadoras, através do brincar de boneca, passando até à função de cuidadoras dos(as) irmãos(ãs). Em geral, as mulheres entendem que têm um futuro papel a desempenhar, onde os cuidados são transferidos para filhos(as), companheiros(as) e netos(as) (MENEZES, 2017, p. 169).

Também é preciso afirmar que as violências e preconceitos nem sempre se expressam em posturas agressivas, mas também estão presentes no excesso de cuidados, que restringem a autonomia e a independência; na infantilização e despersonalização; na ideia de que todas as pessoas velhas possuem declínios cognitivos, motores, auditivos e/ou visuais; assim como nas posturas de *overhelping*, ofertando ajuda ou apoio excessivo, sem que a pessoa velha necessite, requeira ou esteja de acordo, pressupondo que essa não seja capaz de desempenhar a ação desejada (BRITTO DA MOTTA, 2018).

Eu ouvi dizer aqui que você chega numa sala de jovens, eles te apoiam, mas não é bem assim, não! Eu já sofri essa discriminação. Eu fazia Pedagogia na UECE (Universidade Estadual do Ceará), aí larguei e fui fazer outros cursos, outras coisas e depois eu voltei. Mas quando iam formar as equipes, né? Isso faz uns cinco anos, eu fui pra faculdade até 65 anos. Quando iam formar as equipes, em um instante formavam as equipes e eu ficava de fora. Eu tive a sorte de ter um rapaz que também já era meio... Já era adulto, né? Já tinha mais de 30 anos e era do grupo de oração da minha filha, então ele ficava na intermediária, ele nem era tão jovem quanto os outros, nem era tão velho como eu. Aí ele fazia essa mediação. Ele me levava lá para o grupo dele, né? E aí na hora das apresentações as meninas ficavam admiradas porque achavam que eu não iria dar conta, né? Eu aceitava o preconceito que elas tinham (Antônia, 69 anos).

Educação pra idoso tinha de jovens e adultos, né? Que o adulto incluía idosos, mas eu não tenho experiência. Conheço quem começou a frequentar e não gostou, entendeu? Não foi muito bem acolhido, né? Por ser idoso... (Marta, 65 anos).

A aposta na incapacidade ou o excesso de cuidado, retirando por vezes a autonomia da pessoa velha, podem ser observados nos diversos espaços sociais, abarcando tanto o

espaço público, como escolas e universidades, como espaços privados, como o âmbito familiar e de relacionamentos, como bem apontados nas narrativas abaixo.

Existem mulheres que casaram, tiveram filhos e sempre fizeram o que o marido quis. Eu conheço senhoras que pra pintar o cabelo de vermelho perguntam ao filho se podem. Eu sempre fiz o que quis. Quando eu conheci meu marido, meu filho tinha ciúme e não queria, não. E eu disse: problema seu, você é casado, tem sua vida e eu vou viver a minha. Ainda sou nova, vou me dar essa oportunidade de ser feliz, goste você ou não (Paula, 69 anos).

Eu acho que a situação do idoso poderia melhorar se tivesse várias instituições que fizessem como o Sesc está fazendo para que o idoso possa se reerguer e deixar de viver só no convívio familiar, escondido, isolado. Às vezes a família prende o idoso em casa, não quer que saia, e o Sesc consegue trazer pras suas dependências e o idoso fica em condições melhores de vida. Tem diversas atividades, tem a hidroginástica, a natação, muito boas para o exercício dos idosos. Tem a ginástica também, musculação, né? Tem o esporte também, ele pode fazer. Proporcionar ao idoso que ele participe de atividades esportivas também. A projeção de vídeos deveria constar em programação semanal por aí na cidade. Atividades que possam incentivar para que o idoso se sinta animado para viver e não viva de acordo com o que dizem pra ele (Osvaldo, 76 anos).

Nesse chão histórico, as gerações se constituem de forma distanciada umas das outras, o que contribui para preconceitos e conflitos intergeracionais, sendo essencial a educação das gerações para que essa lógica seja desconstruída (PAULA, 2009). Portanto, cumpre refletir que são fundamentais as iniciativas intergeracionais nessa sociedade marcada por novas tecnologias, mudanças instantâneas, consumismo e desvalorização da velhice e dos saberes ancestrais, que remetem a uma perda da função social da velhice (FERRIGNO, 2016).

Nessa perspectiva e considerando a ampliação do idadismo no mundo, como anteriormente pontuado neste estudo, a Organização das Nações Unidas em seu Relatório Mundial sobre o tema salienta que o idadismo é uma violação de direitos humanos e impacta diretamente na saúde, nos aspectos psicossociais e econômicos (WHO, 2021).

Ademais, o idadismo se manifesta de três formas: os estereótipos (como pensamos), os preconceitos (como sentimos) e a discriminação (como agimos). Sugere-se para a prevenção desses aspectos a criação de políticas públicas antiidadistas, a promoção de iniciativas intergeracionais e o desenvolvimento de ações educativas sobre o envelhecimento (WHO, 2021).

Concordando com essa questão, Britto da Motta (2018) sublinha que esse cenário demanda ações educativas e de estímulo às relações intergeracionais, posto que a ausência de convívio com os(as) velhos(as) concorre para que as demais gerações não conheçam como essas pessoas vivem e se sentem, acabando por não valorizar suas contribuições e saberes.

Há, assim, uma conexão entre conhecimento, atitudes e estereótipos relativos ao envelhecimento e às pessoas velhas, ao passo que esses aspectos orientam a sociedade sobre a forma que percebem e tratam esse público. Dessa forma, a educação para o envelhecimento pode facilitar a desconstrução do idadismo, pois o acesso à informação sobre o tema e a percepção mais realista da velhice pode possibilitar mudanças de pensamentos e comportamentos em relação às pessoas velhas, sendo necessário que esse processo se dê durante todo o curso de vida para todas as pessoas (TODARO; CACHIONI, 2016).

Na contramão da lógica dominante, a intergeracionalidade pode significar uma estratégia para estabelecer relações igualitárias e focadas na integração, colaboração e solidariedade (LIMA; STACH-HAERTEL, 2022), lembrando que essa ocorre nos espaços intra e extrafamiliares e, que se o conceito de geração pressupõe uma perspectiva dialética, na qual é construído e reconstruído, as relações entre elas também se dão dessa forma (FERRIGNO, 2003). Outrossim:

Convém notar que as dimensões de classe, gênero e raça estão presentes na forma como a intergeracionalidade se constrói. Elementos acerca desses aspectos podem ser percebidos no cotidiano brasileiro a exemplo do crescente desemprego, subemprego e empobrecimento da população, que, dentre outros impactos, leva filhos/as e netos/as a retornarem ou permanecerem morando com seus pais, mãe, avôs e/ou avós (...). Outra questão que salta aos olhos é o genocídio da juventude negra, que afeta diretamente na forma como a intergeracionalidade é vivenciada, além de impactar na disponibilidade de fontes de cuidado e suporte às pessoas idosas nessas famílias e comunidades. Já em relação a gênero, a intergeracionalidade é por ele impactado ao lembrarmos de que o cuidado é permeado por essa questão, visto que as mulheres vivem mais que os homens, mas isso não significa que vivam em melhores condições que eles, pois, em virtude das desigualdades de gênero acumuladas ao longo do curso de vida, envelhecem mais pobres, sozinhas e frágeis (NOGUEIRA; COSTA, 2022, p.18).

No que se refere às relações intergeracionais intrafamiliares, alguns aspectos se destacam, haja vista o crescimento dos lares multigeracionais. O suporte intergeracional

bidirecional é marcado não só pelo cuidado ofertado pelas pessoas mais jovens às pessoas velhas, mas também pelo fato de os(as) velhos(as) representarem fonte de suporte de diversas ordens para as demais gerações, incluindo manutenção financeira, tarefas domésticas e cuidado; conflitos; dentre outros elementos (LOPES, 2008).

Ressaltando-se que nos lares multigeracionais, a coabitação de diversas gerações pode significar fonte de cuidados aos/às longevos/as, mas também pode gerar situações de conflito, violência e/ou sobrecarga das pessoas idosas, que passam a ofertar fontes de suporte emocional, de cuidado para com as gerações mais novas, além da manutenção financeira das despesas familiares (NOGUEIRA; COSTA, 2022, p.18).

Se há um crescimento dos lares multigeracionais, por outro lado se presencia um distanciamento entre as gerações, decorrente, além do contexto social apontado acima, da segregação geracional, a partir da qual as gerações interagem apenas com seus iguais em espaços sociais determinados (LOPES, 2008).

Lima (2008) explica que, na conjuntura citada, o respeito à experiência dos(as) velhos(as) é transferido para a tecnologia, o que também é observado por Bosi (1994) para quem a sociedade rejeita as pessoas velhas e seu legado, não oferecendo possibilidades de sobrevivência a sua obra, pois é a posse de propriedades que dita a valorização ou não dos(as) velhos(as). Se a pessoa velha não possui e nem produz passa a ser tutelada como criança. Assim, para a autora, as pessoas agem de forma contraditória, uma vez que ao incorporar esse ideal societário, preparam seu próprio futuro nessas condições de segregação e desvalorização.

Perspectiva também destacada por Ferrigno (2016), para quem as rápidas mudanças tecnológicas e o desprezo à memória contribuem para que os(as) velhos(as) percam poder e função social, ao passo que os grupos e centros de convivência colaboram para que pessoas velhas se isolem em seu grupo geracional, embora essas iniciativas viabilizem convivência, autoconhecimento, socialização e formação de vínculos afetivos.

Esse isolamento de outras gerações surgiu no relato de uma das interlocutoras, apontando o idadismo como força motriz para um possível desejo de vivenciar o convívio restrito à própria geração.

Era bom se tivesse uma sala só pra alfabetizar idosos ou de curso só pra idosos, porque muitas vezes o idoso não quer estar com os jovens. Ele se acha melhor com a turma dele. Eu não, eu gosto de andar com jovens (Paula, 69 anos).

Língua estrangeira pra idoso seria bom, porque quando você está aprendendo e você tá numa turma da sua mesma faixa (etária), você não sofre discriminação, porque por mais que a gente bote por baixo, a discriminação existe (Antônia, 69 anos).

A respeito do convívio e a integração entre as gerações, os resultados apontam para a existência de colaboração e de conflitos, visto que as relações e as gerações são heterogêneas. Entretanto, os benefícios mais recorrentes são troca de ideias, de afeto e de cuidados; ampliação da autoestima, sentimento de pertencimento, modificação das percepções em relação à velhice; prevenção e dissipação de preconceitos (LOPES, 2008).

Concordando com Lopes (2008), Nogueira e Costa (2022) atribuem ainda como importância das relações intergeracionais:

(...) Favorecer a sensibilização para o processo de envelhecimento; o respeito às diferenças, inclusive geracionais; a construção de uma gerontocultura; estimular a comunidade para atuar como parte da rede de suporte social informal às pessoas idosas; a publicização das múltiplas velhices e dos aspectos que as compõem; a manutenção da transmissão e dos intercâmbios de conhecimento e valores entre gerações; ampliação do contato, diálogo e relacionamento entre as gerações envolvidas; prevenir preconceitos etários e mitos idadistas; prevenção ao isolamento social e a solidão; desenvolvimento de novas aptidões e saberes; ressignificação da identidade social; ampliação do sentimento de pertencimento; educação das demais gerações para o envelhecimento; inclusão digital das pessoas idosas; estímulo ao resgate de brincadeiras e brinquedos tradicionais; troca de saberes, experiências e vivências; interação entre tradição e tecnologia; contato dos mais velhos com aspectos da contemporaneidade; criação de vínculos afetivos fora do contexto familiar e coeducação entre as gerações (NOGUEIRA; COSTA, 2022, p. 12-13).

É nesse âmbito que a coeducação intergeracional é constituída tanto no espaço familiar, como nos espaços públicos a partir do convívio entre as gerações, consistindo em uma educação permanente que pode ocorrer em programas educacionais, sociais, de lazer, cultura, dentre outros (CÔRTE; FERRIGNO, 2017).

Igualmente, convém destacar que os(as) participantes dessas ações também podem atuar como multiplicadores de uma cultura intergeracional, levando a outros espaços de convivência, experiência e vivência, sobre o tema. É o que contou, com entusiasmo, Cláudia (69 anos).

Foi participando do Conectivid@des que eu fiquei sabendo sobre Gerontologia, intergeracionalidade... A gente teve atividade intergeracional no projeto, né? E eu tive oportunidade de colocar em prática lá na minha Igreja. Eu fui convidada pra apresentar uma dinâmica lá para toda a igreja, era aniversário do pastor. Aí eu tive essa ideia. Eu tinha aprendido sobre intergeracionalidade. A dinâmica era “pra quem eu tiro o chapéu”, mas só que de uma forma diferente. Era uns... não lembro quantos, quantos chapéus. Para cada chapéu tinha um tema dentro do chapéu, uma palavra que ele mesmo, o aniversariante, que era o pastor, tinha que falar sobre aquele tema. Mas para cada chapéu eu tinha que escolher uma pessoa. Aí eu tive a ideia de fazer a intergeracionalidade. Escolhi uma criança, um adolescente, um jovem, uma adulta e uma idosa pra participar. Aí de repente eu me vi praticando ali, exercendo a intergeracionalidade, né? A junção das idades. Foi muito bom! Então são coisas assim que eu tenho aprendido e tido a oportunidade de colocar em prática.

Nessa perspectiva, a educação intergeracional, seja desenvolvida em programas intergeracionais ou como método pedagógico, coaduna com a educação permanente, contribuindo para sua consecução. Conseqüentemente, contribui para fortalecer a ideia de que os indivíduos aprendem durante todo o curso de vida; para reconhecer a diversidade cultural, de valores e atitudes das diferentes gerações, identificando diferenças e semelhanças; para estimular a aprendizagem integrada e a educação multidimensional, agregando saberes intelectuais, físicos, éticos, estéticos e emocionais; para aproximar escola e comunidade, por meio de programas intergeracionais; para conhecer e estimular os potenciais de pessoas de todas as idades; bem como para oportunizar os quatro pilares da educação ao longo da vida, quais sejam ensinar a viver juntos(as), ensinar a conhecer, ensinar a fazer e ensinar a ser (VILLAS-BOAS, 2017).

Reconhecendo que sempre é tempo de aprender, pois os seres humanos estão em processo de construção constante, a educação permanente, se mostra como fundamental, visto o inacabamento dos indivíduos, o que vai de encontro à ideia de que a perfeição humana é alcançada na idade adulta e segue em declínio na velhice (FERRIGNO, 2016).

Assim, a coeducação intergeracional pode ser observada nas ações de educação formal, não formal e informal, sendo importante realçar que conhecimentos e vivências não são transmitidos de forma automática de uma geração a outra. Dessa forma, a coeducação intergeracional não ocorre apenas com a coexistência de pessoas com idades diversas em um determinado espaço ou atividade, o que caracterizaria a multigeracionalidade. A intergeracionalidade pressupõe diálogo de experiências, interação

e construção de vivências em conjunto (FERRIGNO, 2010), o que pode ser notado nos relatos de Joana (67 anos) e Cláudia (69 anos):

Também foi importante uma coisa. A gente também foi nas escolas com o Conectivid@des, através da integração com as crianças, né? Que é a intergeracionalidade, que é muito importante, né? E o Sesc faz isso muito bem, porque ele tem esses projetos que tem todas as idades, né? A gente fez com os meninos das escolas municipais. Eu só tinha experiência de tá em grupo de idosos, né? Foi uma experiência muito boa, porque a gente levou um trabalho lúdico para eles, onde eles pudessem se integrar com a gente, né? Foi maravilhoso! A gente conheceu a história deles e eles conheceram a nossa história. Aí a nossa atividade foi uma brincadeira que é a de uma roda com todo mundo e umas malhas no meio. Aí uma pessoa falava: vamos levantar! Vamos baixar! E tudo mais... Aí a gente ia fazendo essa roda e ia se ajudando um ao outro, né? Cooperação... (Joana, 67 anos).

A primeira instituição que a gente foi pelo Conectivid@des eu escolhi trabalhar com as crianças. Eu li o livro, a história para eles. Depois da leitura, eles contaram com as palavras deles a mesma história e aí pedi pra eles dramatizarem. A gente fez tipo leitura dinâmica, sabe? Foi muito importante (Cláudia, 69 anos).

Além de projetos intergeracionais como o citado por Joana, a intergeracionalidade pode ser observada na educação formal, sendo a Educação de Jovens e Adultos (EJA) um dos principais espaços em que ela pode ocorrer, entretanto é necessário realçar que por vezes há uma tecnicização do processo educativo, a partir da priorização de uma profissionalização deslocada da formação de indivíduos críticos (FERRIGNO, 2016).

Assim, a lógica dicotômica de conhecimento forjada na modernidade prevalece até a contemporaneidade, apartando corpo e mente, teoria e prática, defendendo a superioridade dos processos intelectuais em detrimento das demais formas de compreender o mundo e de construir conhecimentos. Nessa perspectiva, as relações, percepções, sentimentos e integração são reprimidas em nome da eficiência e da lógica de produtividade do capital, contribuindo para uma visão fragmentada e mecanicista que perpassa os diversos processos sociais, dentre eles os relativos à educação (MIRANDA; CARMO, 2021). Essa realidade compromete a construção de interação, de reflexão sobre aspectos geracionais e direitos, de valores como solidariedade e respeito, dentre outros entraves.

Da mesma forma, Gohn (2006) notabiliza que os espaços de educação formal que contemplam formação técnica e profissional, a exemplo da EJA, atendem a um público

intergeracional e heterogêneo não apenas na questão etária, mas coexistindo aí diversos determinantes sociais tais como classe, gênero, raça, etnia, cultura, religião, pertencimento geográfico, dentre outros. Essa condição aponta para o indispensável conhecimento sobre quem é a pessoa velha que se encontra na escola e até mesmo as que não estão, mas podem ingressar nela (PAULA, 2009).

Considerando que a Educação de Jovens e Adultos é direcionada a indivíduos, que em sua maioria, detém experiências diversas seja nos aspectos laborais, seja na esfera social, é imperativo que esses saberes sejam incorporados aos processos formativos. Nessa perspectiva, a educação integral e omnilateral contribui ao contar em suas bases com a integração das variadas dimensões da vida, se contrapondo à lógica dicotômica, produtivista e funcionalista (MIRANDA; CARMO, 2021).

Ainda tratando sobre educação de pessoas velhas, Macacchero e Almeida (2009) relatam a experiência do projeto Sesc Ler, que consiste em um projeto de Educação de Jovens e Adultos desenvolvido pelo Sesc e que congrega diversas ações. Os(as) aprendentes têm acesso, além da escolarização, à alimentação, ao esporte, à cultura, ao lazer, ao atendimento oftalmológico através do Projeto Ler para Aprender, dentre outras atividades e serviços ofertados pela instituição.

As autoras salientam que a convivência entre os públicos das diversas gerações na EJA é marcada pelo reconhecimento de experiências e intercâmbio de saberes, mas que muitas vezes a intergeracionalidade é vista como um problema nesses espaços, sendo necessário perceber a heterogeneidade do público e de suas características a partir dos contextos socioculturais que vivenciam.

Do mesmo modo, reconhecem que essas relações têm proporcionado a ampliação da tolerância, compreensão e respeito entre estudantes velhos(as) e as demais gerações. Além disso, apontam que no desenvolvimento das aulas percebe-se que:

Os mais velhos transmitem as tradições e saberes aos jovens, simultaneamente beneficiando-se de suas experiências, num intercâmbio permanente de valores e aprendizagens. Busca-se preservar e garantir o respeito aos mais idosos, revertendo as práticas sociais de “descarte” do que é antigo, ou de desrespeito por aqueles que não mais “produzem” e, por isso, “não servem” à sociedade contemporânea (MACACCHERO; ALMEIDA, 2009, p. 311).

Compreendemos que essas relações são dinâmicas e configuradas no cotidiano e as narrativas dos(as) interlocutores deslindam que embora exista idadismo nas relações entre as gerações na educação, também há apoio intergeracional permeando essas conexões.

Aí teve um dia que foi tão engraçado. Eu não reconheceria essa menina, não a reconheceria... Eu agradeço muito a ela assim... Pela delicadeza, fineza, até um altruísmo dela, tudo de bom que ela teve nesse momento. A gente estava numa aula no (campus) Itaperi, por volta de 9 horas da noite e teve um assalto. A sala da Pedagogia era mais no final, né? Aí todo mundo correndo, correndo, correndo e eu ali. Eu já estava meio ruim da minha perna, mancando. Ela pegou assim na minha mão e saiu correndo junto comigo, me conduzindo e eu consegui sair sem ninguém me derrubar. Isso foi uma história penosa pra mim, na verdade, mas eu fiquei muito agradecida a ela, não sei quem é, sempre que eu lembro disso eu rezo por ela. Mas todo mundo se salvou. Quer dizer, essa menina, ela não teve um preconceito de me deixar, idosa, para trás? Não, ela me ajudou (Antônia, 69 anos).

Eu tenho um tio que vai fazer 89 anos, ele já se aposentou, se formou em Direito. Quando ele se aposentou completamente, ele resolveu entrar no IFCE e cursar matemática. Então todos os dias ele estuda, pega o livro de matemática e faz exercícios. Na época que ele estudava no IFCE, eu trabalhava na Escola César Calls e ele foi estagiar lá. Teve um acolhimento na sala de aula. O que eu vejo é que o idoso tem curiosidade e interesse. Infelizmente como a gente já viu não tem apoio nem incentivo, mas se o idoso tivesse o investimento, como o Governo investe no ensino médio, universidades, etc., investisse na educação pro idoso, teríamos muitos idosos na universidade (Vitória, 65 anos).

Em congruência com o aqui debatido, Neri (2007) frisa a importância dessas relações e da integração, que levam ao desenvolvimento da subjetividade, ao fortalecimento da cognição, fator essencial à autonomia, independência e qualidade de vida na velhice; contribuem para a autoestima; estimulam o respeito à diversidade; e descentralizam poder institucional e familiar.

Diante do exposto, é latente a ideia de que, assim como a realidade, as relações intergeracionais são espaços de contradição, nos quais coexistem cooperação, preconceito, aprendizado, idadismo, construção, conflitos, dentre outros elementos. Além disso, as narrativas reconhecem sua presença e importância na educação de todas as gerações.

Sendo assim, é preciso que a intergeracionalidade seja reconhecida, difundida, discutida e estimulada nos espaços educacionais, abordada de forma transversal e em

projetos na perspectiva de letramento gerontológico, de coeducação intergeracional e de prevenção ao idadismo.

De igual forma, a implementação, a ampliação e o incremento da educação intergeracional requer a adaptação de metodologias, temas, espaços e materiais às realidades dos(as) participantes envolvidos(as), o que também torna imprescindível a formação dos recursos humanos da área de educação sobre os aspectos gerontológicos e intergeracionais. De igual poder, está reconhecer o protagonismo das pessoas velhas na proposição de políticas educacionais para esse grupo. Quando se reconhece e se respeita a fala dessas pessoas, essas políticas tenderão a acolher esse grupo e incluir essas pessoas nos espaços educativos da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto neoliberal, marcado por desigualdades sociais e por diversas opressões, relega a velhice a um cenário de desvalorização, invisibilidade e crescente idadismo, o que contribui para o afastamento das pessoas velhas de diversos espaços sociais e das demais gerações, especialmente quando considerados os diversos mitos referentes ao envelhecimento.

Tal cenário desemboca em negações de direitos e violações contra as pessoas velhas, dentre os quais destaca-se a educação na velhice, cujo acesso é dificultado tanto por práticas e discursos idadistas, quanto por conflitos intergeracionais e pela ausência de ações educacionais adaptadas às necessidades e potencialidades desse público.

Diante dessa realidade, a intergeracionalidade aponta tanto como uma realidade vivenciada na educação, como importante aspecto sobre o qual a Gerontologia Educacional deve refletir em diversas perspectivas.

A primeira compreende a necessidade de educar as demais gerações para o envelhecimento, como forma de contribuir para o envelhecimento cidadão de toda a sociedade. A segunda refere-se à fundamental importância de promover a intergeracionalidade como estratégia para a construção de uma sociedade antiidadista,

prevenindo preconceitos e violências. A terceira refere-se à formação de profissionais da educação em fundamentos de Gerontologia e de intergeracionalidade, de forma a contribuir para práticas pedagógicas direcionadas às múltiplas velhices.

Diante do apresentado, afirma-se a intergeracionalidade e a coeducação entre as gerações como contraposições à lógica dominante e à educação neoliberal, uma vez que ao promover a integração entre as gerações contribuimos para a construção de relações igualitárias, para a valorização de todas as gerações, para o reconhecimento da importância de aliar inovação, memória e saberes ancestrais com vistas a desconstrução de preconceitos, injustiças e opressões de múltiplas ordens, sejam elas de classe, raça, gênero e/ou geração.

REFERÊNCIAS

BRITO DA MOTTA, Alda. Idade e Solidão: a velhice das mulheres. **Feminismos**. v. 6, n. 2, 2018. p. 88-95. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30390>. Acesso em: 20 jun. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CÔRTE, Beltrina; FERRIGNO, José Carlos. Programas Intergeracionais – estímulo à integração do idoso às demais gerações. In: FREITAS, E. V; PY, L. **Tratado de Geriatria e Gerontologia** - 4.ed.- Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. pp. 3399-3415.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. Grupo Focal. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (orgs.). **Métodos e Técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FERRIGNO, José Carlos. **Coeducação entre gerações**. 2 ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

FERRIGNO, José Carlos. O Idoso como Mestre e Aluno das Novas Gerações. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política Nacional do Idoso: velhas e novas questões**. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. p. 211-223.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 6ª. Ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. poli. publi. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, jan/mar. 2006. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/694>. Acesso em: 16 jun. 2023.

LIMA, Cristina Rodrigues. **Programas intergeracionais**: um estudo sobre as atividades que aproximam as diversas gerações. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008.

LIMA, Layanna Giordana Bernardo; STACH-HAERTEL, Brigitte Ursula. U. Relações intergeracionais: os desafios da convivência entre distintas gerações na contemporaneidade. In: ALBIERO, Célia Maria Grandini; MACIEL, Erika da Silva; LIMA, Layanna Giordana Bernardo (orgs.). **Escuta intergeracional em tempos de pandemia**. Miracema, Tocantins: EDUFT, 2022. p. 16-26.

LOPES, Ewellyne Suely de Lima. **Encontros intergeracionais e representação social**: o que as crianças pensam sobre velhos e velhice. Holambra, SP: Editora Setembro; São Paulo: FAPESP, 2008.

MACACCHERO, Ligia Maria Paes; ALMEIDA, Rosilene Souza. Educação por inteiro na perspectiva da inclusão. In: BARROS JÚNIOR, Juarez Correia. (org.). **Empreendedorismo, Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade**. 1. Ed. São Paulo: Editora Edicon, 2009. p. 310-328.

MEDEIROS, Paulo Adão; AZEREDO, Marta Roseli. Políticas educacionais para a população idosa: uma análise sobre ações pedagógicas inclusivas em cursos de educação profissional no Sul do Brasil. **GIGAPP Estudos Working Papers**, v.7, n. 159, 2020, p. 355-377. Disponível em: <http://www.gigapp.org/ewp/index.php/GIGAPP-EWP/article/download/191/206/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MENEZES, Kelly Maria Gomes. **Agora é a minha vez de ir pra escola!**: os desafios na educação para mulheres velhas em um Programa de EJA, em Fortaleza – CE. Tese (Doutorado em Educação) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 231 p. 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. Pesquisa qualitativa em saúde. 4 ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Ed. 29. Petrópolis: Vozes, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. **Técnicas que Fazem Uso da Palavra, do Olhar e da Empatia:** pesquisa qualitativa em ação. Aveiro, Portugal: Ludomedia, 2019.

MIRANDA, Ricardo; CARMO, Ana Carolina Rigoni. A educação dos sentidos no PROEJA: aproximações com o Teatro do Oprimido. **Revista Pedagógica**, v. 23, p. 1-25, 2021.

NERI, Anita Liberalesso. **Idosos no Brasil:** vivências, desafios e expectativas na terceira idade. São Paulo: Edições Sesc SP, 2007.

NOGUEIRA, Ingrid Rochelle Rêgo; BATISTA, Adriana Costa. **Intergeracionalidade:** prevenção ao idadismo e construção de uma sociedade para todas as idades. Brasília: SESC/DF, 2022.

PAULA, Rouseane da Silva. O não-lugar da pessoa idosa na educação. **Práxis educacional.** Dossiê temático educação de pessoas jovens, adultas e idosas, v.5, n.7., 2009. p. 31-43. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/download/604/498/973>. Acesso em: 05 jun. 2023.

PIRES, Álvaro. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências sociais. In: POUPART, Jean et. Al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

RABELO, Gabriela Brilhante. **Acorda, Maria Bonita. Levanta, vai 'fazê' o café:** experiência de envelhecimento de cafezeiras e merendeiras do Mercado São Sebastião - Fortaleza/CE. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Estadual do Ceará, Centro de Estudos Sociais Aplicados, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 129 p. 2023.

SANTOS, Sílvia Maria Azevedo dos. Infância e velhice: o convívio que nos abre caminhos. In: GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Infância e velhice:** pesquisa de ideias. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003. p.47-56.

SERRA, Deuzimar Costa; SILVA, Maria de Fátima Sousa. Direito dos idosos a educação: reconhecimento e visibilidade na EJA. **Anais do III Congresso Nacional de Educação (CONEDU).** Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/20691>. Acesso em: 17 abr. 2022.

TODARO, Mônica de Ávila; CACHIONI, Meire. Política Nacional do Idoso: reflexão acerca das intenções direcionadas à educação formal. In: ALCÂNTARA, Alexandre de Oliveira; CAMARANO, Ana Amélia; GIACOMIN, Karla Cristina. **Política Nacional do Idoso:** velhas e novas questões. Rio de Janeiro: Ipea, 2016.

VILLAS-BOAS, Susana et al. A educação intergeracional no quadro da educação ao longo da vida e do envelhecimento ativo. **Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación**, v. extra, n.5, 2017. p. 188-193. Disponível em: <https://revistas.udc.es/index.php/reipe/article/view/reipe.2017.0.05.2584>. Acesso em: 15 mai. 2023.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Global Report on Ageism**. Geneva: WHO, 2021.

Enviado em: 22-06-2023

Aceito em: 22-12-2023

Publicado em: 28-12-2023